

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

A rubro e sépia: notas sobre o *scriptorium* de Aveiro

Cristina Sobral

Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras)

A formação de um pequeno *scriptorium* no Mosteiro de Jesus de Aveiro documenta-se na *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, composta entre 1513 e 1525¹, de que possuímos uma cópia guardada hoje no Museu de Aveiro e editada em 1939 por Rocha Madahil. No relato da instituição da vida regular no pequeno recolhimento de D. Brites Leitoa e suas duas filhas, Catarina e Maria de Ataíde, a autora conta-nos que, em 1463, D. Mécia Pereira, uma das fundadoras, «Mandou ensynar a escrever lyvros anbas as filhas da dita madre» (p. 32) e que, em 1465, depois do encerramento das freiras, estas duas («Catheryna datayde e sua Irmã maria datayde») foram encarregadas de «escrever e ãsinar» (p. 40), enquanto o Padre bacharel Fr. Pero Diaz de Évora «ẽsiynou a Illuminar» (p. 40). Em 1466, o ofício de copista estava plenamente instituído e integrado na vida no mosteiro, ordenando a Madre «Cada somana. cada hũa dese cõta do que fezera. aĩda que fossẽ oficiays. escryvaẽs tecedeyras. E outras quaesquer...» (p. 43). A necessidade de formação de um *scriptorium* fazia-se sentir na falta de livros litúrgicos que provessem à vida religiosa do recém-criado mosteiro («E porque nã tiinhã lyvros. cãtavã per hũu Caderno aos domingos...», p. 40), tornando necessário aprender também a escrita da música: «Depois que souberõ apontar. ẽ papeis escreviã missas» (p. 41). À data da sua morte (Agosto de 1466), Catarina de Ataíde «Aprẽdera a escrever lyvros e canto cõ sua Irmã Maria datayde . e ãbas escreviam ẽ aquele tẽpo lyvros pera o Coro. E ella escrevia e tiinha entõ Comecado ho myssal sanctoral de Canto que nõ pode acabar. Tiinha Ja por materias scripto hũu myssal rreado pera a stante. E hũu salteyro meaão tanbẽ destãte» (p. 46). Apesar disto, em 1467 «aỹda nõ tiinhã abastãca

¹ Sobre a *Crónica* e respectiva autoria e datação ver Santos, D. M. Gomes dos, *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, Lisboa, Companhia de Diamantes de Angola, 1963 vol. I/1; o estudo de Madahil, A. G. da Rocha in *Crónica da fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro e Memorial da infanta Santa Joana*, (edição e estudo de Rocha Madahil), Aveiro, Oficinas Gráficas de Coimbra, 1939; Silva, M.J.V.B. Marques da, *Aveiro Medieval*, Aveiro, Câmara Municipal, 1991; Silva, M.J.V.B. Marques da, «Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro», in G. Tavani, G. Lanciani (Coord.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1993; Silva, M.J.V.B. Marques da, «Vida da Infanta Santa Joana», in G. Tavani, G. Lanciani (Coord.), *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1993; Verdelho, T., «A memória das palavras e dos gestos no Memorial da Infanta Santa Joana e na Crónica da fundação do mosteiro de Jesus», *Revista Universidade de Aveiro/ Letras*, nº 6-7-8, 1989-90-91, p. 221-240; Verdelho, T., «Breve nota sobre a autoria do Memorial da Infanta Santa Joana e da Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus», *Revista Universidade de Aveiro/ Letras*, nº 6-7-8, 1989-90-91, p. 241-264, Sobral, C., «O lugar de onde se fala na hagiografia aveirense», *Lugar*. Actas do VI Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval (Coimbra, Setembro de 2005), no prelo.

de lyvros» (p. 49), o que justificará, nos anos seguintes, a dedicação de outras duas freiras, Isabel Luís e Margarida Pinheira, ao mester da escrita².

Apesar de especialmente dedicada a códices litúrgicos, a actividade do *scriptorium* produziu, pelo menos, tanto quanto sabemos, outros três códices, cujo conteúdo é o seguinte:

1. BN de Lisboa Cod Il. 219 (BITAGAP Manid 1899): papel, 105 fólios escritos a uma coluna (foliação moderna) em 1510, por mandado das madres Maria de Ataíde e Margarida Pinheira³:
 - a) Vida de Santo Agostinho (fls.1-16);
 - b) Tradução portuguesa dos 57 apócrifos de S.Agostinho *Sermones ad fratres in eremo commorantes* (Migne 40, cols. 1255-1358);
 - c) Narrativa hagiográfica sobre S.Mónica (fls. 102v-04r);
 - d) Sermão do Papa Calisto sobre a conversão de S.Agostinho (fls. 104r-04v);
 - e) Epístola de Sigilberto a Macedónio em louvor de S.Agostinho (fls. 104v-05r).
2. Museu de Aveiro MS. 3 [34/CDI] (BITAGAP Manid 1092): pergaminho, 163 fólios escritos a duas colunas por Margarida Pinheira entre 1510 e 1529⁴:
 - a) Tradução portuguesa da Regra de S.Agostinho e sua exposição (fls.1-84);
 - b) Fórmula de profissão (fl.85);
 - c) Constituições das Freiras de S.Domingos (fls.86-111);
 - d) Modo de fazer profissão (fl.112);
 - e) Vida de S. Agostinho (fls.113-153);
 - f) Regra de S. Agostinho em latim (fls.154-161).

² Outros livros, de espiritualidade e de devoção haveria já no mosteiro, uma vez que, logo em 1458, quando Brites Leitoa se recolheu com as suas filhas a Aveiro, «Certas horas as faziia leer» e rezar «ho salteyro e vyda de nossa Senhora» (p.14) e em 1461 as religiosas da pequena comunidade reunida nas casas que haveriam de se tornar mosteiro «jütamête comiã ouvindo a lycã e doctrina que sempre se liia de vita christi. e outros livros semelhâtes» (p. 23). Em 1464, no seu leito de morte, D. Mécia «Mandava sêpre onde Jazyta teer lyvros per que cõtinuadamête lhe leessem» (p. 35), livros que certamente se juntaram, no mosteiro, à «livraria muỹ syngular» que D. Leonor de Meneses para lá levou em 1471 (p. 99) e aos que a Princesa S. Joana «Trabalhou [...] por aver e mãdar cõprar», entre os quais «sermonayros de sỹgular doctryna assy de latym que a dita Senhora bem sabia e entendia. Como de lỹguagẽ. Mas os demais eram de Latỹ. porque delle gostava mais» (p.140-41) e que legou à comunidade aveirense: «Fyca vos muita e boa lyvrarya cõ que poderees tomar cõssolacõ e prazer spiritual» (p. 160).

³ Sobre este códice ver Sobral, C., «Santo Agostinho em Aveiro: estudo de fontes», *eHumanista. Journal of Iberian Studies*, nº8, 2007, p. 171-196: http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_08/articles/9%20Cristina%20Sobral%20Article.pdf. [data de acesso: Setembro de 2008] O códice é obra de duas mãos; é provável que as duas monjas, designadas no colofon como mandatárias, tenham sido também as copistas.

⁴ Sobre este códice ver Madahil, A. G. Rocha, «Constituições que no século XV regeram o Mosteiro de Jesus, de Aveiro, da Ordem de S. Domingos», *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 16, 1951, p. 282-91; C. Sobral, «Santo Agostinho em Aveiro: estudo de fontes».

3. Museu de Aveiro MS. 1 [33/CDI] (BITAGAP Manid 1093): pergaminho, 161 fls. escritos a duas colunas (por Margarida Pinheira?) depois 1525⁵:
 - a) *Crónica da fundação do Mosteiro de Jesus* (fls.1-44);
 - b) *Memorial da Infanta Santa Joana* (fls. 48-110v);
 - c) Registo das datas de Profissão das Freiras (fls. 115-140);
 - d) Registo dos Óbitos das Freiras (fls.143-149);
 - e) Título das servidoras (fl.151).

O conjunto dos três códices revela um empenho da actividade do *scriptorium* na produção de livros relacionados com a vida comunitária, a sua vocação espiritual de matriz agostiniana eremítica (códice da BN), o seu funcionamento regular (Ms.3 de Aveiro) e a sua memória histórica e simbólica (Ms.1 de Aveiro), constituindo um espólio que permite descrever e estudar o enquadramento histórico-espiritual do Mosteiro de Jesus. Revela ainda um programa, aparentemente promovido pela Madre Maria de Ataíde, filha da fundadora Brites Leitoa, de afirmação identitária e de desenvolvimento intelectual, revelada pela abertura a influências espirituais externas, como é o caso do eremitismo agostiniano importado directa ou indirectamente de Itália⁶, pela aquisição de competências de composição estruturada e coerente de novos textos e talvez de tradução do latim⁷. Faltam estudos que contribuam para um conhecimento mais profundo deste perfil intelectual, que identifiquem as fontes literárias das narrativas do Ms.1 de Aveiro, que as estudem do ponto de vista retórico e narratológico e que analisem o trabalho de tradução dos textos latinos.

Produzidos todos estes códices em época já de actividade da tipografia, o *scriptorium* de Aveiro mantinha com os textos copiados uma relação característica do livro manuscrito, marcada pela singularidade. Ao contrário do que sucede com os códices litúrgicos, estes três não possuem decoração abundante, denunciando desde logo uma distinção funcional. Mereceriam um estudo de conjunto que analisasse as suas características materiais, identificando, por um lado, práticas codicológicas e paleográficas do *scriptorium* e, por outro, contextualizando o livro como produto cultural⁸ e dando a conhecer a relação da comunidade feminina ali estabelecida com o livro, os seus modos e contextos de leitura.

Proponho-me analisar alguns aspectos da escrita dos fls. 48-110v do Ms.1 de Aveiro, onde o *Memorial da Infanta S. Joana* se segue à *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*. Sendo estes dois textos, ao contrário dos transmitidos pelos outros códices, originalmente compostos em português, quem primeiro os escreveu e quem os copiou no códice

⁵ Actualmente o códice apresenta mais 25 folhas de papel que foram apenas tardiamente. Entre os vários textos existem fólios deixados em branco que foram, nalguns casos, ocupados com anotações posteriores. Dos fólios reservados ao registo das profissões e dos óbitos, nem todos têm escrita da época da confecção do códice, visto que estas notícias foram sendo actualizadas pelos séculos seguintes (ver a descrição codicológica de Madahil, *Crónica*, p. XVII-XXII). Sobre a hipotética identidade da copista ver C. Sobral, «O lugar de onde se fala».

⁶ O estudo das fontes dos códices que contêm vidas de S. Agostinho revela a utilização de modelos textuais italianos (Cf. C. Sobral, «Santo Agostinho em Aveiro»).

⁷ Não temos provas de que os textos traduzidos o tenham sido no mosteiro mas também nenhum indício seguro de que o não tenham sido, pelo que a possibilidade da tradução na comunidade deve ser mantida como hipótese de trabalho.

⁸ Nascimento, A. A., «Práticas codicológicas e sentido de enquadramento do livro manuscrito como produto cultural», *V Centenário do Livro Impresso em Portugal (1487-1987). Colóquio sobre o Livro Antigo (Lisboa, 23-25 Maio, 1988)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, p. 233-242.

sobrevivente viu-se perante a necessidade de pensar pela primeira vez a ordenação e o modelo de apresentação textual.

A narrativa da vida da princesa é introduzida e encerrada por dois paratextos, que assumem a função de prólogo e de “posfácio”, sem que, no entanto, esta função seja verbalmente explicitada em epígrafes ou títulos. Do mesmo modo, a estruturação da narrativa em unidades textuais de função equivalente a capítulos não é explicitada pela presença dos elementos de orientação ou referência que, a partir do séc. XIII, habitualmente estruturam o códice de funcionalidade didáctica: não existe numeração nem intitulação de capítulos, nem títulos correntes nem epígrafes.

Apenas o início do texto apresenta uma didascália introdutória, rubricada⁹ e separada por espaço de duas linhas do texto do prólogo, introduzido por uma letrina de grandes dimensões preenchida a azul e pontilhada a vermelho, desenhada depois da cópia, como mostra o recorte que sofreu para evitar sobrepor-se ao texto. As unidades narrativas que correspondem a capítulos são marcadas apenas por uma capital rubricada (duas linhas de texto avançado, excepto a do fl. 48d, que avançou três linhas para marcar o início da narrativa), sem espaçamento demarcador. Quanto ao “posfácio”, distingue-se dos capítulos pelo espaçamento e pela substituição da capital rubricada por um caldeirão de grandes dimensões (três linhas de texto avançado), também rubricado. Assim, é às cores, ao azul e ao vermelho, que se entrega a função de explicitar a estrutura textual. Note-se que, se os paratextos revelam verbalmente sinais da sua independência, pela presença de doxologias de encerramento, já o início dos capítulos não conta com mais nenhuma forma de distinção para além da inicial rubricada.

Uma intenção estética acompanha, embora de forma irregular, a rubricação das capitais, que se desenham às vezes com traços muito simples (por exemplo, fls. 54a, 70a, 85c) e outras vezes com preenchimentos a cheio ou esboços de filigrana (por exemplo fls. 56b, 59a, 60d, 64b, 107c). Ao longo dos fólhos, o vermelho foi também usado para desenhar os caldeirões, dando às páginas copiadas a sépia, com algumas maiúsculas tocadas de dourado, um aspecto regular e sóbrio. O desenho dos caldeirões alterna também entre formas muito simples (por exemplo, fls. 105v, 108c) e outras mais trabalhadas (fls. 49b, 57d, 81b, 83b), sobretudo quando a proximidade da margem o sugere. O processo de rubricação era, como se sabe, posterior à cópia e neste manuscrito podemos comprovar isso mesmo. O desenho do descendente da capital do fl. 49c foi interrompido para não se sobrepor à escrita, coisa que o *N* do fl. 63c não conseguiu, sobrepondo-se ao descendente de um *y* da linha acima e a um ponto que antecedia a primeira palavra da linha que começa. O mesmo sucedeu, por exemplo, com o *G* do fl. 77a, que se sobrepõe ligeiramente a um *a* da linha anterior, com o *S* do fl. 59a e com o primeiro caldeirão do fl. 61a. Os restantes caldeirões permitem confirmar a posterioridade da rubricação, visto que são desenhados muitas vezes sobre pontos (v., por exemplo, fls. 49v, 50r, 91r).

Não há letras de espera. Desse modo, devemos entender que ou a rubricação foi feita enquanto se ia consultando paralelamente o modelo ou que a letra era deduzida

⁹ «Seguesse em breue ho Memorial . da mujto eccellente princessa . E mujto virtuosa Senhora . ha Senhora Jffante dona Johanna nossa Senhora . filha do muy Catholyco e cristianissimo Rey . dom affonso qjnto . E da Senhora Rainha dona Jsabell sua molher». Cito o texto separando palavras, substituindo o sinal tironiano por *e* e desenvolvendo abreviaturas.

da leitura do texto. A hipótese da dedução pela leitura faz sentido quando confrontada com o facto de não ter sido deixado espaço para os caldeirões¹⁰, razão pela qual são desenhados sobre a pontuação. Quando ocorrem em início de linha, os caldeirões ficam colocados completamente na margem ou no intercolúnio (v. por exemplo, fls. 55v, 99v, 102v), confirmando que não foi planeada a sua localização. Também aqui se colocam duas hipóteses: ou o modelo não tinha caldeirões e foi preciso pensar a sua utilização pela primeira vez ou a copista tomou deliberadamente a decisão de rever o uso de caldeirões que poderá ter encontrado no modelo. Nos dois casos está implicada a leitura final do texto e a sua consequente (re)interpretação. De facto, as pausas fortes do discurso são, em geral, marcadas por ponto seguido de maiúscula, ficando o ponto seguido de minúscula reservado às pausas fracas. Os caldeirões foram inscritos sempre sobre ponto seguido de maiúscula mas não em todas as ocorrências de ponto seguido de maiúscula, o que denota claramente uma análise interpretativa do texto, a fim de delimitar unidades textuais consideradas mais independentes do que outras, criando uma nova hierarquia semântica.

Assim, a rubricação parece não ser uma fase do trabalho de produção do manuscrito simplesmente mecânica e sim uma fase activa de leitura e interpretação do texto e de formação de um sentido que, plasmado na singularidade do manuscrito, determinará a sua recepção.

Mais ainda se pode dizer. A rubro foram cancelados alguns erros da cópia. Na sua análise, encontramos casos que, por serem simples repetições de palavras, podem ter sido detectados apenas no momento da rubricação, explicando-se assim que só então tenham sido anulados¹¹:

57a – e *quie*/tacã ~~des~~ dos spūs em soo d's

62d – e o *que* ~~que~~/lhe parecia detudo

68c – seu pad' lhe daua Cada ãño ~~ã~~/no

70c – e suas fracas forcas ~~emuy~~/e muy delgada e delycada cõpley/ssã abrangiã
ella

~~ella~~ ajudaua

75b – por *merecimêto* demuitos stõs mediante / ~~mediãte~~ m^{tas} orações.

90b – os hynos da / ~~dad~~oracã da Cruz

91d – aũ/sse de Creer ouuĩdo~~o~~ ho que nom / fazẽ

Sem serem repetições, outros erros podem igualmente ser admitidos como não detectatos durante a cópia:

53b – por lencooes tiinhas amũi

64a – e / ~~se~~ demonstrauã as sob'ditas. / a grãde door e nojo

67a – ouuia / suas myssas ã todas sua vida

Alguns vemos, todavia, que implicam a percepção do lapso no próprio momento em que foi cometido, visto que, por vezes sem chegar a terminar a palavra errada, a copista escreveu imediatamente a seguir a lição correcta:

48b – ~~hr~~ hon/rrou

¹⁰ O mesmo não acontece no Ms. da BN nem no Ms. 3 de Aveiro, onde os caldeirões se seguem desafogadamente aos pontos, mostrando que o espaço que lhes estava destinado foi previsto durante a cópia.

¹¹ Na transcrição dos cancelamentos conservarei, quando possível, as abreviaturas, desenvolvendo e assinalando a *itálico* apenas aquelas cuja reprodução é impossível.

- 54d – cõ grãde amargura e ~~doar~~ door de dent^o
 55d – ho maes doce e sa/boroso ~~mai~~-mel
 66a – muy proue e desapo~~av~~/voadada de gente¹²
 69d – sê nũca / dessy as ~~po~~ tyrar por deuaco
 88c – selhe fazer toda ~~ẽcha~~/aboca ẽ chagas
 99d – E acabado muỹ cãssa/da ~~efoll~~ do follego
 102d – cõ suas mã/tilhas e veeos ante ~~host~~^o os / Rost^os

Alguns destes erros (69d, 88c, 99d) resultam de pequenas omissões operadas durante o processo de ditado interior, que produziriam lacunas se não tivessem sido percebidas antes sequer de as palavras terem acabado de ser escritas. Nem sempre a copista foi tão rápida nesta percepção, chegando a terminar as palavras:

- 55a – a grande e m^{to} louuada ~~de~~ fama / de v'tudes
 66c – obra sua ~~vi~~/sta ñõ vista ñẽ ouuida
 90b – jũto cõ as/~~novycas~~ ha estante. E ally/esperou ho graao das nouycas
 98b – todas mercees de que ñõ/conhecia ñõ seer dyna.
 104c-d – quãdo Canssa / das deseos officios e ~~trabalhos~~./hijã tomar ~~tudo~~ ẽ sua Casa to / do seu desporto e sollaz
 105b – postas ẽ ordẽ de procy/ssam ~~cubertas~~ jũto cõ aesca/da cubertas cõse⁹ veeos

Noutros casos, a copista antecipa-se à lição do modelo, deixando prevalecer na memória, não o segmento de texto lido no *exemplar* mas outro enunciado também aceitável no contexto. A percepção, logo depois, do conflito entre este enunciado e a lição subsequente conduz ao seu imediato abandono e substituição pela sequência textual correcta:

- 51b – homẽ ~~deidade~~ velho ~~perj~~dade
 54b – Eesse princepe *que* era tã moco./*que* avẽdo de *ser* e ~~permindoo~~ avẽdoo d's/por seu *servico*
 59c – e toda sua ~~gẽte~~ Corte *que* jũtos/ vinhã
 62b – andaua aReue/zes hũũ e out^o ~~cabo~~ hora de hũũ / cabo ora do outro.
 64c – E toda acidade era ~~ẽ~~/demouida agrãde tristeza e doo
 66a – Em aquelle tẽpo era ~~esa~~/esta vylla muỹ proue
 70c – ñẽ ~~della~~ ẽ cousa algũa grãde/ñẽ pequena desvyar
 93c – E outras madres Jrmãs/*que* mais ~~eustumã~~ tijnhã/Carrego de a Curar e *serujr*

Não há dúvida, sobretudo no terceiro destes conjuntos de cancelamentos, de que a rubricação foi acompanhada de revisão do texto, que pode implicar restituição, a rubro (aqui a negro), de letras em falta:

- 49b – alleuãtarom/adita Jffante minyna por/sua Princesa Jurada. todos/Ihe beyjando amaão Eavẽ/~~do~~apor sua *Senhora* e herdeyra/do Reg^o

Também as correcções indevidas revelam a leitura interpretativa, mesmo quando, por engano, a copista transforma uma boa lição numa errónea:

- 59 a – ẽ os ~~quaaes~~ ~~aproue~~/ao muy alto *Senhor* d's cõ seu *gran*/de poder destruyr os malua/dos yffiees da *sancta* ffe.

¹² No final da linha, a copista escreveu *despoa* e sobrepos ao *a* um *v*. Insatisfeita com o resultado da emenda, repetiu o *v* na linha seguinte.

O cancelamento resulta aqui de uma má releitura da rubricadora de *ao... Senhor* por *o... Senhor*.

Pergunto-me mesmo se neste processo não estaria envolvida certa margem de subjectividade e de apropriação do texto pela copista-rubricadora¹³. Vejamos o passo:

¶ Dy atres annos cõ/cebeo asobredita *Senhora Rainha dona/Isabel* . Eparyo huñ filho ao qual mandou outrossy pôõr nome Joham . ¶ E passados ñõ / muitos dias . ffaleceo a dita Raynha. Na era do *Senhor de/Myl* . iiiijc . l . vj . a do9 dias do/Mes de dezẽbro . (fl. 49b)

O ano da morte da rainha está errado (na verdade 1455), lapso que tanto pode ser atribuído à autora como à copista. O dia e mês estão correctos. Se acreditarmos que o dia e mês do nascimento do príncipe, apesar de não registados, não seriam desconhecidos nem da autora nem da copista, suas contemporâneas, o cancelamento que aqui vemos não será o resultado de uma diversa percepção da subjectividade do tempo? Não terá a autora considerado os sete meses que vão de Maio a Dezembro “nõ muitos dias”, discordando a copista, que os considera “muitos dias”? Se admitirmos tal possibilidade, poderemos ver no último conjunto de cancelamentos, sobretudo os dos fls. 51b, 54b, 59c, 62b e 64c, cujas lições podem ser adiáforas das que as substituem, não a rejeição de interferências mentais da copista e a reposição da lição correcta do modelo mas, pelo contrário, a substituição do modelo por uma lição alternativa, considerada melhor pela copista. Precisariamos de conhecer o modelo ou outros testemunhos, anteriores ou colaterais, para fundamentar conclusões. A hipótese, porém, como base de reflexão, pode ser interessante, quando relacionada com o facto de estarmos perante a biografia hagiográfica de uma das figuras tutelares da comunidade, à qual se deve a projecção que o mosteiro alcançou e cujo corpo santo guarda. A autora não deixou de registar a identificação entre o mosteiro e a alma da Infanta, consagrados no seu testamento como herdeiros legítimos do seu património material e espiritual:

Faço herdeyra mñha alma de tudo o que me pertẽce e pode pertẽcer . ã esta maneyra que deixo tudo ao moesteyro de jhesu (fl. 92b)¹⁴

sẽpre desejey em aquela Casa *ser a* mñha Coua e morada *pera* sẽpre . por *que* as mñhas madres e jrmaãs tenham Razõ vẽdo a se lẽbrarẽ sẽpre de mñ pois ho ey de seer dellas e desta Casa onde *quer* que a mñha alma¹⁵ steuer e mais Como lhe bẽ for (fl. 97b)

A comunidade monástica que regista a sua memória tem, assim, autoridade para administrá-la e fixar a sua leitura, considerando o texto original da anónima autora como

¹³ A didascália introdutória, rubricada, mostra a mesma letra da cópia, pelo que terá sido a mesma pessoa a copiar e a rubricar.

¹⁴ Sobre a instituição das almas herdeiras, ver Rosa, M. L. *As “almas herdeiras”*. *Fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521)*, dissertação de doutoramento em História Cultural e das Mentalidades Medievais apresentada à FCSH-UNL e EHESS-Paris, 2005.

¹⁵ *allma* foi acrescentado na margem com letra da copista.

passível de modulações pela comunidade – representada na copista-rubricadora - que, tal como a autora, também conheceu intimamente a Infanta¹⁶.

A atenção dedicada ao sentido do texto, necessária à introdução dos caldeirões, não foi, todavia, regular e homogênea, uma vez que deixou no texto erros não detectados, entre os quais repetições semelhantes às que foram canceladas. Por exemplo¹⁷:

53d – guarnecias e sygnauas das/das tuas armas

54a – Edetodos hos p'cepes e jffantes Cristaãos *que* Casados ão eram adeseiaua

54c – out's e p'ncepes

60 b – lhe disse beguinamête

60b – tam saberdomête

60d – a sobredita dona Iyanor... aynda *que* m^{to} Contra sua vôtade da Condessa ua madre

63b – e lancada cõ cõ aface ã/terra

75b – ffoy ghegada

91c – cõ to /das cõ todas suas forcas

93a – seu desejo e vtyma vôtade

106b – Srã dadalupe por el

108a – *ser* apartadada

O facto evidencia uma atenção desigual ao longo dos fólhos, assim como as diferenças na complexidade do desenho dos caldeirões parecem denotar uma demora desigual em cada fólho. O mesmo sucede com a utilização do vermelho: no fl. 51a realça uma chamada na última linha replicada na margem de pé, onde foi inscrita uma palavra omitida na cópia, e no fl.57b um sinal de chamada na linha e sua réplica na margem de goteira, onde foi inscrita uma palavra em falta no texto. Porém, no fl.60a, há também uma adição na sobrelinha com sinais de chamada e réplica a sépia que não foram posteriormente rubricados.

Irregularidade encontramos também no facto de, nos fólhos finais, durante a cópia, a decisão de confiar o cancelamento dos erros à rubricação ter sido abandonada, podendo ser observados cancelamentos da mesma tinta e força da cópia:

92b – donacões-

99c – suaua m^{to}. e tijnha e tijnha e ho ffolego

110c – aque Cousa alg/algũa

Porque terá a copista tomado a decisão de abandonar erros no texto, confiando na sua capacidade de posteriormente os detectar, quando podia simplesmente, como fez no final, emendá-los com a tinta da cópia? Talvez possamos supor uma intenção estética: evitando uma página sobrecarregada de traços escuros, os cancelamentos a rubro diluem-se visualmente numa mancha de texto pontuada de vermelho pela presença regular das capitais e, sobretudo, dos caldeirões. Mas talvez também não seja alheio a este procedimento o projecto de um códice de uso frequente e de leitura activa e não de um códice monumental, razão por que se terá dispensado a decoração mais elaborada e profusa. Pensado para

¹⁶ Apresentei em trabalho anterior («O lugar de onde se fala») a proposta de atribuição da autoria a Isabel Luís e da cópia a Margarida Pinheira, ambas figuras de destaque no mosteiro, copistas documentadas e íntimas da Infanta.

¹⁷ Alguns destes erros foram assinalados e corrigidos por mãos posteriores. Assinalo, sublinhando-os, os erros que não foram detectados pela rubricadora.

servir como memória histórica e simbólica da comunidade aveirense, previa-se talvez a leitura comunitária mas também a individual, contexto eventual de correcção de falhas da cópia.

De facto, a quantidade de marcas e de anotações de leituras posteriores denota leitor(a)s sucessivo(a)s com letras que vão do séc. XVI ao séc. XX e se encarregam de retocar tinta degradada (últimas seis linhas do fl.105v) e de reescrever sobre raspado (mão posterior a negrito):

48b – **imita/ria** *aquella*

48b – e outros/ scõs **e. stãs e** mais **nõque**pode/ria av' do **m^{to}que**teue esta

70d – meezin**has**

Mãos posteriores também notam e emendam erros de cópia (v.n.17) e restituem pequenas lacunas:

69d – b'tiz leytoa / lhos **cortou** cõ mta Reuerêca

103b – Na *qual* vjlla / nõ avija Casa nẽ Rua ã se nõ / **que** /ouuisse vozes¹⁸

103c – Seg^o a diligẽ / cia *que* no dito pumar *per* esta / **S^{ra}.** / se mãdaua fazer.¹⁹

São ainda responsáveis pela introdução de variantes, pedindo ao editor atenção aturada no momento da fixação do texto. A edição de Madahil, que não inclui aparato crítico nem qualquer outra forma de indicar as suas intervenções, apresenta exemplos dessa necessidade. Apesar de normalmente aceitar os cancelamentos da cópia e da rubricação, no caso dos dias passados sobre o nascimento do príncipe à data da morte da rainha, o editor rejeitou um cancelamento claramente atribuível à copista-rubricadora, decidindo por si que o tempo decorrido representava poucos dias. Por outro lado, aceita indistintamente adições ao texto entrelinhadas ou feitas nas margens, quer sejam da mão da copista quer sejam de mãos posteriores, dando origem, num dos casos, ao estranho enunciado:

porque ho exẽplo de sua vida e virtudes . a quantos a viiã e ouviã era semelhãte aa pedra de cevar dyamãte . aduzẽdo e atraendo per diverssos modos a servirẽ e louvarẽ deus (p. 153)

A pedra de cevar era um magnetito que os marinheiros levavam nos barcos para alimentar a agulha da bússola quando esta perdia a potência magnética e por isso se compreende que sirva de metáfora ao poder de atracção da Infanta. Também o diamante, pelo seu intenso e cativante brilho, pode servir no mesmo contexto metafórico. O que não pode ser aceite é a expressão *pedra de cevar dyamãte*, que parece atribuir ao diamante qualidades magnéticas e que resulta, afinal, da integração no texto de uma variante (*de ceuar*, fl. 92a) entrelinhada e de mão posterior, que deve ser afastada da fixação do texto.

Em conclusão, uma cuidadosa descrição dos acidentes da cópia e uma avaliação judiciosa das intervenções dos seus correctores, a rubro e a sépia, permitirão, numa futura edição crítica, uma *emmendatio* melhor do que a da presente edição²⁰, contribuindo para

¹⁸ Um sinal de chamada (cunha) entre ã e se remete para a margem de goteira, onde a mão posterior inscreveu a palavra em falta, em local desalinhado.

¹⁹ O final desta coluna sofreu degradação da tinta que afecta, sobretudo nas últimas cinco linhas, a legibilidade. Mão posterior, aparentemente a mesma que fez uma anotação de leitura (*seca opomar*) na margem de goteira, retocou as letras e fez a adição no intercolúnio.

²⁰ É difícil compreender, por exemplo, porque conserva Madahil certos erros de cópia (*beguinamẽte*, *saberdomẽte*, *Srã dadalupe*) quando, embora sem o declarar na introdução, emenda normalmente o texto.

a compreensão do ambiente cultural de uma comunidade feminina em cujo centro está ainda o livro manuscrito, que determina o desaparecimento do seu antecedente e se abre à recepção comunitária, à múltipla utilização e a sucessivas operações de revisão que lhe vão moldando o sentido, para o qual as cores deram o seu contributo.

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10